

## *SANTIDADE TEM A VER COM O MEU CORAÇÃO*

Falo do coração no sentido bíblico. Assim, não me refiro à bomba de sangue do nosso corpo, mas ao centro e foco da vida pessoal e íntima de cada um de nós: a fonte de motivação, o assento da paixão, a fonte de todos os processos do pensamento e, particularmente, da consciência. A afirmação que faço, e que também preciso aplicar em minha vida, é que a santidade começa no coração. Inicia-se no íntimo de uma pessoa que possui uma intenção correta e procura expressá-la de uma maneira apropriada. É uma questão, não apenas dos processos pelos quais passo, mas também dos motivos que me impulsionam a passar por eles.

O objetivo, a paixão, o desejo, a vontade, a aspiração, o alvo e a direção que motivam uma pessoa santa visam agradar a Deus, tanto pelo que ela faz quanto pelo que deixa de fazer. Em outras palavras, ela pratica as boas obras e deixa de praticar as que são más. As boas obras começam com louvor, adoração, honra e exaltação de Deus como o termômetro espiritual de uma pessoa. As obras más começam com a negligência e consequente frieza em relação a estas coisas. Portanto, tenho de me esforçar para fazer com que meu coração esteja constantemente receptivo a Deus.

O puritano Richard Baxter, comentando sobre seu poeta favorito, George Herbert, disse: “Os seus livros contêm a *obra do coração* e a *obra do céu*”.<sup>1</sup> O que Baxter queria dizer com a “obra do coração” é o cultivo de um espírito agradecido, humilde, que manifesta um amor reverente e adorador por aquele que é o Amante e Salvador divino, como o espírito expresso por Herbert em um de seus poemas (atualmente, um hino bastante conhecido):

Rei da glória, Rei da paz,  
Te amarei;  
E que esse amor nunca cesse,  
Te peço.  
Tu me tens concedido o meu pedido,  
Tu me tens ouvido;  
Tu conheces os meus pensamentos,  
Tu me tens guardado.

Por isso, com tudo de melhor que tenho  
Cantarei a Ti,  
E o meu coração,  
A ti entregarei...

---

<sup>1</sup> Richard Baqxter, *Poetical Fragments* (1681).

Este tipo de amor do coração é a raiz de toda santidade verdadeira. Assim, o ascetismo, como tal – a abstinência voluntária, as rotinas da autoprivação e a austeridade exaustiva –, não é a mesma coisa que santidade, embora algumas formas de ascetismo possam muito bem achar o seu lugar na vida de uma pessoa santa. Não é formalismo, no sentido de uma conformidade exterior, em palavras e ações, com os padrões que Deus tem estabelecido, algo como santidade, embora indubitavelmente não haja santidade sem tal conformidade. Nem é legalismo, no sentido de fazer determinadas coisas para obter o favor divino ou recebê-lo ainda mais. Santidade é sempre a resposta de gratidão a Deus, do pecador salvo, pela graça recebida.

Os fariseus dos dias de Jesus cometeram os três erros descritos acima, no entanto, pensava-se que eram pessoas muito santas até o dia em que Jesus lhes falou a verdade sobre eles mesmos e sobre a insuficiência de sua suposta piedade. Portanto, é melhor não esquecermos que a santidade começa no coração. Quem quer se aliar àqueles fariseus?

Charles Wesley escreveu:

Para que o coração louve ao meu Deus,  
Ele tem de estar livre do pecado;  
Tem de sempre sentir o sangue de Cristo  
Gratuitamente derramado por mim;

Um coração resignado, submisso, manso,  
Trono do meu grande Redentor,  
Onde só se ouve a voz de Cristo,  
Onde somente Jesus reina soberano;

Um coração renovado a cada pensamento,  
E cheio do amor divino;  
Perfeito, correto, puro e bom:  
Uma reprodução fiel do seu coração, Senhor.

É com este enfoque e com esta oração que a verdadeira santidade tem início.

*A redescoberta da santidade*, J. I. Packer, Editora Cultura Cristã, p. 19-21.